

# NÃO SOMOS ARQUITETAS FÁCEIS

*Ana Gabriela Godinho Lima*

*Ruth Verde Zein*

## Resumo

Ao propor, de um ponto de vista contemporâneo, a necessidade imprescindível de incluir, de maneira explícita e consciente, a contribuição das arquitetas na construção de uma história da arquitetura moderna, mais justa e abrangente, não se pretende produzir um discurso histórico ao inverso. A complexidade e enormidade da tarefa de se reescrever uma história inclusiva e diversa não admite soluções simplistas ou fórmulas prontas. Por isso, aqui nos interessa apenas apontar algumas possibilidades, a partir do foco, não exclusivo, mas igualmente prioritário, do reconhecimento do trabalho das arquitetas, no âmbito e como contribuição à proposta da REDE Chile-Brasil, voltada para o reconhecimento cultural dos exemplares arquitetônicos, urbanos e paisagísticos da arquitetura moderna em ambos países.

**Palavras-chave:** arquitetura moderna; patrimônio moderno; historiografia; feminismo.

## Abstract

From a contemporary point of view it is essential and only fair to try and include the contribution of women architects in the construction of a more comprehensive history of modern architecture. The complexity and enormity of the task of rewriting an inclusive and diverse history does not admit simplistic solutions or ready-made. For this reason, we are interested here only to point out some possibilities, from the non-exclusive, but priority focus of the recognition of the work of the women architects, as a contribution to the research project “Chile-Brazil NETWORK”, aimed at the cultural recognition of the architectural, urban and landscape examples of modern architecture in both countries.

**Keywords:** modern architecture; modern heritage; historiography; feminism.

## Resumen

Desde un punto de vista contemporáneo, es esencial y justo intentar e incluir la contribución de las mujeres arquitectas en la construcción de una historia más completa de la arquitectura moderna. La complejidad y la enormidad de la tarea de reescribir una historia inclusiva y diversa no admite soluciones simplistas ni prefabricadas. Por este motivo, nos interesa aquí solo señalar algunas posibilidades, desde el enfoque no exclusivo, pero prioritario, del reconocimiento del trabajo de las mujeres arquitectas, como una contribución al proyecto de investigación “RED Chile-Brasil”, dirigido en el reconocimiento cultural de los ejemplos arquitectónicos, urbanos y paisajísticos de la arquitectura moderna en ambos países.

**Palabras-clave:** arquitectura moderna; patrimonio moderno; historiografía; feminismo.

No recente filme francês “Je ne suis pas un homme facile” (2018) dirigido por Éléonore Pourriat, uma comédia de argumento divertido se torna uma situação desconfortável. O personagem Damien,, construído sobre clichés machistas, cabeceia um poste e acorda em um mundo ao contrário, onde mulheres dão cantadas maliciosas, homens se depilam e sua contribuição profissional é desprezada. É constrangedor, propositalmente: perde o tom de “comédia” ao produzir um estranhamento completo e revelar as pequenas e grandes humilhações cotidianas das mulheres, ficticiamente transportadas ao mundo reverso. É repugnante: não desejamos que a situações se invertam, não é vingança que queremos...O filme termina de maneira paradoxal: vale conferir. E nos ajuda a estabelecer o tom deste preâmbulo.

Ao propor, de um ponto de vista contemporâneo, a necessidade imprescindível de incluir, de maneira explícita e consciente, a contribuição das arquitetas na construção de uma história da arquitetura moderna, mais justa e abrangente, não se pretende produzir um discurso histórico ao inverso. Muito menos se pretende apagar sistematicamente a contribuição dos homens, esquecer, esconder ou diminuir seus nomes atrás do de suas companheiras, sócias e colaboradoras. Tampouco se deseja incluir apenas aquelas atividades profissionais e projetuais consideradas “tipicamente femininas”. O objetivo não é construir um mundo invertido; tampouco se deseja entrar de favor pela porta dos fundos. Deseja-se

contribuir para a paulatina construção de uma outra história mais abrangente e atualizada, tendo plena consciência de que, por mais que nos esforcemos, o trabalho nunca estará definitivamente completo. Entende-se que hoje essa atitude de revisão inclusiva parece ser possível graças ao conhecimento já acumulado pela produção acadêmica recente, que tem mapeado protagonistas esquecidas, reconhecido contribuições desvalorizadas, recuperado e trazido à luz valores antes não apreciados. Este crescente esforço pode ajudar a construir novas perspectivas, novos olhares sobre os legados do passado. E pode, igualmente, fundamentar as bases para uma atuação mais equilibrada e justa em face dos problemas contemporâneos.

A complexidade e enormidade da tarefa de se reescrever uma história inclusiva e diversa não admite soluções simplistas ou fórmulas prontas, mas lucidez e rigor. Por isso, aqui nos interessa apenas apontar algumas possibilidades, a partir do foco, não exclusivo, mas igualmente prioritário, do reconhecimento do trabalho das arquitetas. Ademais, nos interessa especialmente o caso da arquitetura moderna do século 20, tema de trabalho da proposta da REDE Chile-Brasil<sup>1</sup>, voltada para o reconhecimento cultural dos exemplares arquitetônicos, urbanos e paisagísticos da arquitetura moderna. A iniciativa visa a produção de critérios objetivos para sua valorização e preservação, entendendo-os como parte de uma dimensão ativa da construção do patrimônio e identidade cultural das diversas

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa “Theoretical Debate and Historical Construction. The architectural heritage of modernity in Chile and Brazil”, CONICYT/Chile código REDES170046, vigência 2018-9, coordenado pelo Prof.Dr. Hugo Mondragón (UPC-Santiago, Chile), com a participação de professores/as doutres/as do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

culturas e comunidades que compõem um país. Entretanto até pouco tempo, como se sabe, esse reconhecimento vinha baseando-se fundamentalmente em narrativas históricas: consagradas porém parciais, por não conterem considerações satisfatórias e claras sobre a participação e contribuição das mulheres arquitetas. Entende-se portanto a relevância desta reflexão como parte da vontade de não seguir cometendo as mesmas omissões ou os mesmos enganos metodológicos de sempre. Para isso, será fundamental considerar outras fontes, talvez menos consagradas, mas indispensáveis do ponto de vista da produção real da arquitetura e sua cultura, que apontam necessariamente para o reconhecimento do trabalho das arquitetas modernas. Nesse marco, este artigo discutirá algumas questões, propondo alguns rumos metodológicos, buscando contribuir para a necessária revisão das construções historiográficas e das questões sociais nelas implícitas.

A história, a sociologia, as letras, já vêm há décadas estudando a posição feminina na vida social e na produção econômica, cultural e política. Estudos como “Women in Latin American History: Their Lives and Their Views” (Hahner, 1976) e “Latin American Women” (Lavrin, 1978), foram pioneiros na construção de visões gerais acerca das condições de vida, trabalho e os papéis sociais tipicamente desempenhados por mulheres. Entretanto, a contribuição das arquitetas permanece ainda pouco estudada. Francesca Hughes já notou que, comparado com outros territórios

profissionais, a arquitetura é um campo excepcionalmente lento para mudar: “Se considerarmos a arquitetura como uma construção cultural, ao mesmo tempo receptáculo e resíduo, não podemos senão indagar o que esta sintomática ausência sugere sobre nossa cultura e as regras que regem sua produção” (HUGUES, 1996, p.XXX).

Em trabalho pioneiro, Gwendolyn Wright (1977) compreende que a atuação das arquitetas pode ser encontrada em muitas diferentes atividades profissionais, e propõe pelo menos quatro categorias, que também parecem ter validade no caso latino-americano: 1) a arquiteta excepcional, que sacrificando a vida pessoal, casamento, filhos, etc., e trabalhando arduamente, alcançou um grau de reconhecimento incomum para uma mulher de seu tempo, comparável ao de um homem excepcional; 2) a projetista anônima, que trabalhava em escritórios de outros arquitetos, tolerando a discriminação e a falta de reconhecimento do mérito de seu trabalho, conciliando com dificuldades profissão, casamento e serviços domésticos; 3) a profissional adjunta, interessada no aspecto social do ambiente construído, atuando em outros caminhos da arquitetura como historiadora, crítica, escritora, jornalista, etc.; 4) a profissional das reformas sociais, com ou sem formação em arquitetura, que se dedicou a buscar alternativas de habitação e cidadania para excluídos e marginalizados. Estas quatro categorias ajudam a identificar profissionais que sob outras lentes de busca ficariam invisíveis,

reconhecendo o valor de suas contribuições. Ademais, se mostraram úteis na interpretação dos dados obtidos pelo levantamento internacional “Women in Architecture 1975-2015”<sup>2</sup>.

No levantamento realizado no contexto latino-americano por Lima (1999), a insuficiente base de dados publicados sobre impunha o problema metodológico de como considerar o trabalho das projetistas anônimas, das profissionais adjuntas e das reformistas sociais. A varredura daquela pesquisa incluiu a consulta a vários “Índices de Arquitetura”, para detectar arquitetas em quaisquer das categorias apontada, complementada pela consulta física aos periódicos para verificar menções ocultas, pois frequentemente os nomes de arquitetas/os podiam estar indicados apenas por iniciais.

E assim se explica o título: as arquitetas, mesmo buscando-nos com afinco, não somos fáceis de encontrar.

Essa dificuldade ainda existe, mas o panorama vem mudando. O esforço das organizadoras da pesquisa “Um dia uma arquiteta”<sup>3</sup> e de outras ações de visibilização das mulheres arquitetas na Argentina, na América Latina e no mundo têm colaborado para trazer à luz o que estava velado, ou não explícito, sobre o tema. Um número cada vez maior de arquitetas têm aparecido nas páginas dos manuais e compêndios de arquitetura. Uma quantidade crescente de números monográficos de revistas e livros dedicados a arquitetas também pode ser constatada.

Entretanto, cabe fazer algumas observações a respeito dessas recentes

aparições das arquitetas nas páginas especializadas em arquitetura. Como aponta Lima (2004), as referências às arquitetas que trabalharam até as décadas de 1960-70, salvo honrosas exceções, continuam eclipsadas pelo destaque quase exclusivo dado a seus parceiros, e quando aparecem, muitas vezes são nomeadas como “colaboradoras” (quando de fato são coautoras), ou apenas mencionadas na ficha técnica, mas não no corpo principal do texto. Também é comum contornar-se a questão com a inclusão de um capítulo à parte, dedicado “às mulheres na arquitetura”, como se a contribuição das arquitetas mulheres se tratasse de uma de curiosidade episódica em contraponto menor. Quando as arquitetas contemporâneas aparecem, esporadicamente, em publicações monográficas, acontecem com frequência dos artigos serem acompanhados por comentários surpresos, do tipo “cada vez mais mulheres se destacam na arquitetura”; que se bem possa apontar para um problema existente, não dá conta de esclarecer o porquê dessa presença só estar ocorrendo agora, quando de fato a participação de mulheres na arquitetura já está consolidada pelo menos desde finais do século 19. Em outros termos: quando comparece, a presença de mulheres arquitetas não necessariamente altera estruturalmente o discurso arquitetônico, e nem sempre trata suas obras de maneira paritária (com mesmo destaque e importância das demais). Finalmente, a análise das obras e da trajetória profissional das arquitetas é apresentada

<sup>2</sup> O Seminário Internacional *WOMEN IN ARCHITECTURE*. AD 1975 foi organizado em maio de 2015 e, Valencia, Espanha, para comemorar os 40 anos da edição histórica da revista inglesa *AD* sobre o tema. Os resultados estão sendo publicados no website <https://womeninarchitecture1975.wordpress.com/>, organizado pela Universidade Politécnica de Valencia, Escola Técnica Superior de Arquitetura, aos cuidados dos professores Eva Alvarez e Carlos Gómez e equipe de estudantes.

<sup>3</sup> A iniciativa “UN DÍA UNA ARQUITECTA” tem por objetivo visibilizar a contribuição das arquitetas em diferentes facetas: projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo, tecnologia, curadoria e publicações, produção artística, política, gestão do Habitat social, teoria e ensino. Organizado por Cecilia Kesman, Florencia Marciani, Inés Moisset, Gueni Ojeda (Argentina), Zaida Muxí (España) e Daniela Arias (Uruguay-España), conta com o apoio de dezenas de redatoras/es voluntárias/os.

<https://undiunaarquitectura.wordpress.com/>

adotando-se um modelo antropocêntrico, de exaltação das qualidades consideradas “masculinas” como fórmula para assegurar certo destaque à obra das arquitetas.

De qualquer maneira, já não é mais possível seguir ignorando as “novas” informações disponibilizadas por pesquisas variadas sobre a atuação das arquitetas mulheres, no mundo contemporâneo e no período moderno, acumuladas por um sem número de pesquisas e estudos, cuja quantidade e abrangência tenderá a crescer nos próximos anos. Esse aumento de conhecimentos é bem vindo, e várias possibilidades se apresentam sobre como incorporá-lo nas narrativas historiográficas. Um caminho inicial simples é a “inclusão” nos relatos, vigentes e futuros, de capítulos específicos sobre “a contribuição das mulheres”. Uma possibilidade é a construção e celebração das “heroínas”, em contraponto aos “heróis” da arquitetura moderna (e que já vem ocorrendo). Outra possibilidade complementar, menos frequente porque trabalhosa, embora indubitavelmente necessária, é a inserção dos dados faltantes sobre as mulheres arquitetas coautoras e colaboradoras – o que exigiria a revisão completa de quase cada linha das histórias da arquitetura existentes, inclusive revelando-se os casos em que elas são, de fato, as autoras principais.

Todos esses caminhos são possíveis, necessários, e não excludentes entre si. É evidentemente, mesmo a inserção nas historiografias canônicas por meio de “capítulos à parte” é importante. Entretanto, e sem desmerecer esse esforço, é imperioso observar que, do ponto de

vista dos estudos acadêmicos ligados às recentes teorias feministas, este não é um formato muito eficiente de inclusão do trabalho das mulheres nos sistemas de construção do conhecimento. Primeiro, porque tende a gerar a sensação que apenas se está atendendo a uma exigência “politicamente correta”, reclamada de modo estridente por um grupo de feministas radicais – restringindo o valor dessa iniciativa e fragilizando sua importância e seriedade. Limitar-se a inserir a contribuição das arquitetas nos discursos estereotipados e canônicos sobre a história da arquitetura moderna, mundial e local, que foram construídos sem considerá-las, é um primeiro – mas não pode ser um último passo. Assim, se bem desenvolvida, essa questão tenderá a nos levar, cedo ou tarde, à proposição de uma questão mais transcendente. Como seria a estrutura de um relato historiográfico em que as mulheres não entram pela porta dos fundos, ou como esparsas deusas de um olimpo imaginário, mas compõem em pé de igualdade, desde sempre, como parte indissolúvel dessa trama?

Como observa Guacira Lopes Louro:

Atender a esses desafios epistemológicos é tarefa muito mais complexa do que realizar um “recorte” temático ou acrescentar um capítulo sobre mulheres nos estudos. Pode ser também uma tarefa mais “arriscada”, já que não dispomos de uma indicação metodológica que nos garanta, de modo geral, como alcançar bons resultados. Temos de ser capazes de utilizar criativa e criticamente as teorizações

feministas e de estar disponíveis para o questionamento e para o debate com outros campos de estudo progressistas (LOURO, 1997, p.155).

E naturalmente, a mesma questão poderá ser formulada ao se perguntar sobre como proceder à inclusão de todos/as/os/as demais excluídos, e não são poucos/as<sup>4</sup>.

Outra importante observação a ser levada em conta é o cuidado com a escrita. As construções históricas que incluem o nome de arquitetas nem sempre descrevem ou esclarecem como essas mulheres efetivamente participaram e/ou contribuíram para o desenvolvimento dos projetos, inclusive de importantes obras arquitetônicas, frequentemente relegando-as a um segundo plano, submetendo seu trabalho a uma operação de veladura, ou de “eclipse”. Os modelos linguísticos para descrever uma obra e autoria tendem a ser claros e categóricos para os homens, e ser ambíguos e dúbios para as mulheres. A esse eclipse, frequentemente quase total, ao qual as mulheres arquitetas são submetidas, soma-se uma estrutura de linguagem simbólica que acentua a submissão do feminino pelo masculino, ao se recorrer a imagens e analogias em que os elementos simbolicamente associados ao homem sobrepujam os elementos simbolicamente associados à mulher<sup>5</sup>.

Levando em consideração essas observações de caráter metodológico, e na convicção de que uma longa jornada começa por um primeiro passo, segue sendo importante o esforço positivo em prol da inclusão do trabalho das mulheres

arquitetas em quaisquer oportunidades, inclusive e especialmente, nas atividades de pesquisa e reflexão de construção histórica e teórica sobre a arquitetura.

Sugere-se pois que, em qualquer levantamento que busque definir quais seriam as obras mais relevantes da arquitetura moderna, seja para incluí-las em um relato historiográfico, seja para sugerir sua proteção e patrimonialização, é fundamental tomar como base de referência não apenas os textos canônicos, mas também realizar um esforço, mais complexo, de consulta e consideração de uma ampla gama de estudos monográficos que incluam informações pertinentes sobre o tema; e que, por serem mais recentes, ainda não necessariamente estão consolidados em novas narrativas panorâmicas. Há também que se considerar os ainda poucos trabalhos abrangentes sobre o tema da contribuição das arquitetas latino-americanas ao patrimônio e legado da arquitetura moderna do século 20. Um exemplo é o livro recentemente publicado de LIMA (2013) a partir de sua dissertação de mestrado (1999). Na introdução à nova edição, considerando a distância temporal entre a redação do mestrado e a publicação do livro, a autora afirma:

Nos anos que se passaram entre a conclusão do mestrado e a publicação deste texto algumas coisas mudaram, outras revelaram uma excepcional resistência às mudanças. A ascensão das mulheres a cargos de chefia, coordenação e diretoria vem aumentando, ainda que no topo das empresas o perfil ainda seja predominantemente masculino. Os salários

<sup>4</sup> Como por exemplo, arquitetos/as imigrantes que apesar de terem excelente formação não obtiveram a validação de seus diplomas e atuaram sob o nome de outros/as; arquitetas/os de origem africana e indígena, sob as quais pesa um manto de dupla ou tripla invisibilidade; etc. Esse tema vem sendo tratado com pertinência e profundidade por diversas outras autoras/es.

<sup>5</sup> Por brevidade, o tema não será desenvolvido aqui, mas é possível consultar vários exemplos em Lima (2004).

vêm se tornando menos desiguais, mas ainda privilegiam os homens. Os escritórios de arquitetura na América Latina têm visto crescer o número de mulheres, e é muito comum que elas constituam a maioria de seus quadros. O que não é surpreendente: pelo menos desde a década de 1990 elas vêm sendo frequentemente a maioria no corpo estudantil das Faculdades de Arquitetura. Talvez já se possa dizer que, no âmbito da arquitetura do cotidiano, das residências, dos escritórios e escolas, dos centros comerciais, e especialmente na arquitetura de interiores, a arquitetura seja hoje uma profissão feminina. Isso exclui, é claro, o star system arquitetônico. As obras de prestígio, os marcos arquitetônicos, os orçamentos mais avantajados, ainda parecem ficar a cargo dos arquitetos. Mudanças e permanências da profissão que convidam a mais estudos e pesquisas. (LIMA, 2013, p.5)

O trabalho que originou o livro concentrou a pesquisa de busca de informações sobre as arquitetas latino-americanas em três áreas onde essa presença parece ser quantitativamente mais significativa. 1) críticas, historiadoras e teóricas da arquitetura; 2) arquitetas envolvidas com o tema da habitação; 3) arquitetas envolvidas com a produção de espaços coletivos. O recorte ali adotado de maneira alguma pretendeu desconsiderar outras possibilidades, mas apenas definir, em um universo ainda bastante pouco explorado, algumas linhas de investigação; as quais emergiram do próprio material bibliográfico até então disponível, principalmente em periódicos

universitários, profissionais e mesmo jornalísticos.

Em revisão recente, LIMA (2018) aponta algumas questões e faz algumas sugestões para se iniciar o trabalho de valorização da contribuição das arquitetas latino-americanas. Parte dessa contribuição é a seguir incluída neste texto, de maneira breve e compacta.

Inicialmente, parecer ser da maior importância rever e considerar o trabalho da historiadora e crítica argentina de arquitetura, Marina Waisman, uma das figuras mais marcantes da história, historiografia e crítica da arquitetura latino-americanas. O livro “O interior da história. Historiografia para uso de latino-americanos” (2013) pode ser considerado essencial para o estudo e pesquisa acerca das temáticas ligadas à arquitetura e ao urbanismo na América Latina, por fornecer uma base instrumental efetiva para a abordagem histórica da arquitetura latino-americana.

O livro tem como um de seus focos centrais a ênfase na necessidade de questionamento do conhecimento institucionalizado, especialmente as categorias e princípios de classificação, importados e adotados sem maior reflexão crítica. Nesse sentido, seu objetivo parece ser o de reposicionar a arquitetura, em especial a latino-americana, em um contexto renovado de relações. Waisman enfatiza a necessidade tanto de questionar a seleção dos objetos arquitetônicos, na construção dos repertórios de estudo, quanto a necessidade de estudá-los em seu contexto, situando-os em seus processos históricos específicos.

O livro organiza-se em duas partes. Na primeira Waisman dedica-se a caracterizar a disciplina da historiografia arquitetônica. Para tanto, aborda, além dos conceitos históricos, historiográficos e críticos da arquitetura, também a relação entre reflexão e práxis e as relações entre subjetividade e objetividade – questões que, a nosso ver, exercem um efeito real nos modos como arquitetas e arquitetos engajam-se em suas profissões. Na segunda parte, algumas das noções discutidas dizem respeito às continuidades e descontinuidades temporais e às durações históricas, que diferenciam as linhas do tempo das produções arquitetônicas latino-americanas das linhas de tempo construídas a partir de exemplos predominantemente europeus ou estadunidenses, comumente adotadas na literatura canônica sobre história da arquitetura. Ao invés, Waisman propõe a noção de centro/periferia/região como um instrumento de entendimento dos sistemas de seleção e valoração na produção do conhecimento acerca do tema. Segundo ela, o estudo da arquitetura latino-americana deveria questionar os critérios de seleção das obras de interesse quando escolhem fundamentar-se em cânones estabelecidos para outros contextos geográficos e/ou outros momentos históricos, instando os autores a revisar e reconstruir periodizações e sistemas de valoração adequados a contexto que estudam, evitando esquemas prontos. Os quais, eventualmente, excluem do debate questões muito pertinentes para uma compreensão da historiografia latino-

-americana a ser construída desde uma perspectiva contemporânea. Como por exemplo, o estudo de tipologias como a arquitetura doméstica, a arquitetura espontânea, a arquitetura rural e a arquitetura industrial.

A estrutura do pensamento acerca da cidade e da arquitetura, isto é, a reflexão e a práxis arquitetônicas construídas ao longo de décadas, em nossos países, em toda América Latina, deve ser portanto considerada como um substrato indispensável para pensar o ensino e a pesquisa em arquitetura e urbanismo, e sobretudo, para aprofundar estudos no eixo história/projeto/patrimônio. Como Waisman comenta, a história, a teoria e a crítica são três modos de reflexão sobre a arquitetura em relação com a realidade da produção arquitetônica. E, na arquitetura, o sistema de valores está constituído explicitamente pela elaboração teórica, e de modo menos explícito ou sistemático, pela reflexão histórica ou o comentário crítico.

Por outro lado, embora os objetos da reflexão venham da realidade, a problemática que comportam não se revela neles de modo direto ou evidente; é a reflexão que poderá descobrir ou revelar problemas e questões subjacentes na realidade factual, pois o ato de formular questionamentos ou perguntas se baseia em conceitos, em ideias; e é sobre esses que os descobrimentos são produzidos; e depois, será a práxis que responderá (positiva ou negativamente) às perguntas ou exigências formuladas pela reflexão (WAISMAN, 2013, p.39-40).

<sup>6</sup> Sobre as periodizações e a construção de narrativas canônicas latino-americanas interessa rever criticamente as propostas de BROWNE (1988), SEGRE (1991), ROCA (1995) BOZA (1996), SEGAWA (1997), LIERNUR (2001), BASTOS & ZEIN (2010), ARANGO (2012), LARA & CARRANZA (2015), BERGDOLL et alli (2015), entre outros/as; o projeto REDES Chile/Brasil estará sistematizando e promovendo essas releituras críticas.



Neste processo dialético, os conceitos teóricos são formulados a partir de abstrações de um determinado conjunto de elementos recortados da realidade histórica. Uma vez que se utilizem, para a exploração e reflexão sobre um determinado contexto, conceitos teóricos formulados a partir de realidades históricas distintas daquelas em que a práxis é exercitada, a probabilidade de ocorrência de equívocos e distorções é bem grande. Como Waisman lembra, os instrumentos de análise conceitual forçam o pensamento a elaborar meios de penetrar no que ainda não é conhecido, refinar procedimentos práticos, reformular métodos. Estes instrumentos são elaborados com material extraído da realidade, e claramente não podem ser neutros, mas sim carregados das pautas culturais em que se formaram, o que nos conduz de volta à discussão acerca do impacto da adoção de linhas do tempo baseadas na produção dos países europeus e nos Estados Unidos, em sua maioria de autoria masculina. Ou seja, ao utilizarmos instrumentos surgidos e refinados em relação a uma realidade diferente daquela que pretendemos conhecer - em nosso caso, a contribuição das arquitetas modernas na América Latina - é provável que problemas reais passem despercebidos e problemas fictícios, próprios das culturas originais em que foram forjados tais instrumentos de análise, sejam “descobertos” (WAISMAN, 2013, p: 42-3)<sup>6</sup>.

Além de construir um esforço para inclusão sob outras óticas, a questão da forma escrita, como comentado, também

é importante. E talvez um dos mais peculiares instrumentos metodológicos de que as autoras feministas têm feito uso em seus trabalhos culturais e científicos seja o senso de humor. Correndo o risco de parecermos “menos sérias”, o humor, bem aplicado, pode ajudar a desestabilizar expectativas e favorecer novas interpretações.

A diretora francesa mencionada no início do artigo explorou, em seu filme, a arbitrariedade sem sentido em que consistem os atuais discursos androcêntricos. De modo parecido, a norte-americana Rebecca Solnit e a jornalista sueca Katrine Marçal, dentre tantas outras, expõem com humor algo ácido as incongruências dos discursos que, ao pretenderem ser científicos ou objetivos são, na verdade, falhos em rigor metodológico e pródigos em assimetrias de julgamento a favor do masculino.

Em “Os homens explicam tudo para mim”, Solnit (2017) enfatiza o curioso hábito de alguns homens de falarem com segurança de assuntos de que não entendem, porque não estudaram, não leram, não se interessaram, não vivenciaram. Com efeito, um rápido levantamento sobre as discussões on-line acerca do aborto permitem verificar que os homens são os que mais se pronunciam publicamente sobre a questão.

Katrine Marçal, em “O lado invisível da economia: uma visão feminista” (2017), analisa como a história da economia, em múltiplas e variadas dimensões, é distorcida e equivocada por uma razão simples e monumental: ao considerar

que as trocas econômicas são motivadas unicamente por objetivos racionais, um comportamento que caracterizaria o que ela chama de “homem econômico”, as teorias econômicas ignoraram todas as atividades que não implicam em uma troca de valores: cuidar de crianças, limpar, cozinhar, lavar, passar roupa... Entretanto, sem elas, o mundo econômico simplesmente não se sustentaria. Como a autora enfatiza, se quisermos ter um retrato completo da economia, não temos como ignorar o que a metade a população faz durante metade do tempo. (p.67) Ela prossegue verificando como as condições desiguais de atribuição de papéis e valores são, na prática, uma forma de excluir as mulheres: “Avançar em um modelo criado por homens para homens - em uma realidade que exclui mulheres. E isso cria problemas. Não dá para simplesmente adicionar mulheres e mexer.”(MARÇAL, 2017, p. 68)<sup>7</sup>

Essas considerações, se transladadas para o tema da história e historiografia da arquitetura, nos colocam uma questão: quantos de fato conhecem os critérios, os instrumentos, os métodos, os procedimentos que têm fundamentado as pesquisas sobre a atuação das mulheres na arquitetura? Quantos conhecem os resultados desse montante de trabalho? Provavelmente muitos menos do que aqueles que se sentem confortáveis em dar palpites ou desconsiderar de plano, e a priori, esse assunto.

Por outro lado, como falar de arquitetura moderna de maneira consistente e completa, ignorando o fato de que uma parte considerável das obras - em quantidade e porcentagem bem mais ampla do que se imaginava ou se sabia - foi projetada com a autoria, a coautoria, o apoio e a presença de mulheres arquitetas? É possível. Mas, não é mais desejável.

<sup>7</sup> Como anota Marçal, a expressão é usada por Gillian J. Hewitson, economista feminista australiana, para descrever a estratégia de incorporar as mulheres a uma disciplina, em vez de mudá-la.

## REFERÊNCIAS

- HAHNER, June (ed.). "Women in Latin American History. Their Lives and Their Views". Los Angeles, UCLA Latina American Publications University of California, 1976.
- HUGHES, Francesca (ed.). *The Architect, Reconstructing Her Practice*. Cambridge, Massachusetts / London: the MIT Press, 1996
- LAVRIN, Asunción. "Latin American Women. Historical Perspectives". Westport / London, Greenwood Press, 1978.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. Dissertação de mestrado. COMPLETAR REFERENCIA
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Ensino de Arquitetura e Urbanismo: Discurso, Prática Projetual e Gênero*. Material de referência produzido para a disciplina de Pós-Graduação: "Questões de Ensino de Arquitetura e Urbanismo", integrante do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018 {não publicado}.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. TESE DE DOUTORADO COMPLETAR REFERENCIA
- LOURO, Guacira Lopes, *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MARÇAL, Katrine. *O Lado invisível da economia*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2017.
- SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- WAISMAN, Marina. *O interior da história. Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva, 2013. [Publicado originalmente como: WAISMAN, Marina. *El Interior de la historia: historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos*. Bogotá: Escala, 1990.]
- WRIGHT, Gwendolyn. "On the Fringe of the Profession: Women in American Architecture". In: Kostof, Spiro. "The Architect - Chapters in the History of the Profession". New York, Oxford University Press, 1977.

---

ANA GABRIELA GODINHO LIMA é doutora em História da Educação e Filosofia do Conhecimento e Professora da FAU-PPGAU-UPM | gabilima4444@gmail.com  
RUTH VERDE ZEIN é doutora em Teoria, História e Crítica da Arquitetura e Professora da FAU-PPGAU-UPM | rvzein@gmail.com